



nº 15 - dezembro de 2015

ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de. **Figura na sombra**. Porto Alegre: L&PM Editores, 2012. 264p.

Débora Teresinha Mutter da Silva*

Figura na sombra é uma narrativa que se inscreve na fronteira entre romance biográfico, autobiográfico e narrativa de fundo histórico. Porém, numa leitura atenta, tais rótulos mostram-se insuficientes.

Trata-se da 19ª obra ficcional de Luiz Antonio de Assis Brasil e a 4ª da Série *Viajantes ao Sul*, antecedida d'*O pintor de retratos* (2002), *A margem imóvel do rio* (2003) e *Música perdida* (2005). As quatro pertencem à etapa de radical mudança estilística inaugurada pelo escritor em *O pintor de retratos*. O conjunto apresenta variações de olhares de viajantes sobre o Sul da América, além de subtemas que se unem ao tema de fundo constante em sua ficção – a fronteira entre civilização e barbárie. Na mão do escritor, pelas incursões meta-historiográficas e conotativas, o Sul deixa de ser mero ponto geográfico para se converter em tropo denunciador de fronteiras culturais e psicológicas.

Com essa trajetória, o autor se estabeleceu como um dos nomes mais representativos na literatura contemporânea dedicada a perscrutar o passado, inscrevendo seu nome na linhagem de escritores de diferentes latitudes, devotados a resgatar silêncios, omissões ou esquecimentos históricos. Tais enfoques, contudo, são insuficientes para uma aproximação digna de *Figura na sombra*, porque, além da incursão histórica pela via biográfica, apresenta inovações estruturais e vigorosa condensação semântica.

* Doutora em Literatura Brasileira e Luso-africana, professora na Universidade Luterana do Brasil – ULBRA, Canoas, Rio Grande do Sul, Brasil, deboramutter44@gmail.com.

O romance inspira-se na vida de Aimé Jacques Goujaud, chamado Bonpland (1773–1858), médico de formação e botânico diletante, natural de La Rochelle, sul da França. Com essas credenciais, acompanhou o geógrafo e naturalista Alexander Von Humboldt (1769–1859) em sua viagem ao Novo Mundo e com ele manteve uma relação intelectual e afetiva até o final da vida. Foi amigo de Simon Bolívar e botânico da Imperatriz Josefina, mas também, e por vontade própria, foi criador de ovelhas e cultivador de erva-mate em São Borja no Rio Grande do Sul. Aqui teve numerosa prole de mestiços. Nessa condição, terminou seus dias como o fazendeiro Dom Amado Bonpland, na Argentina. Sua biografia reúne episódios inusitados como o fato grotesco de ter sido esquartejado depois de morto por um índio bêbado. Desse modo, podemos afirmar que Aimé Bonpland foi uma figura que viveu à sombra do grande Humboldt cuja notoriedade atravessa séculos.

Figura na sombra desenrola o fio da longa vida de Aimé Bonpland desde a infância até a morte. Na ficção, conhecemos a história de seus desacertos, amores e desamores. Introspectivo, o menino Aimé não tinha disciplina para aprendizado formal de música. Gostava de improvisar e adquiriu tantos vícios que seu professor decretou-o incapaz de prosseguir. Herdou do pai imenso amor pelas plantas e a profissão de médico. O jovem Aimé era alto, moreno de olhos verdes, tinha um esplêndido e saudável corpo e sonhava viajar para outros lugares. Era filho do Século das Luzes, mas não ficou imune à sombra do romantismo que se ergueu ao final do século XVIII, perdurando forte até meados do Século XIX. Estudante em Paris, o jovem Aimé conhece o prussiano Alexander Von Humboldt – mais velho, culto, metódico, refinado, dono de um título de nobreza, que já tinha alguma notoriedade, nutria interesse pelas diversas espécies de vida. Além de ser um homem das luzes, Alexander era sedutor, rico e tinha uma teoria sobre a Natureza, que pretendia comprovar com uma viagem exploratória à América do Sul.

A teoria de Humboldt deveria provar que a natureza era um único e grande organismo e que a sua beleza derivava da simetria existente entre todos os seus elementos, vale dizer, a harmonia universal, o Kosmos. Bonpland não tinha uma teoria, mas acalentava um discreto fascínio pelo caos que intuía na Natureza. Recém-formado, o jovem Aimé decide ouvir o chamado de sua própria natureza. Aceita o convite para a viagem a expensas do novo amigo. O projeto comum de retornar à Europa após cinco anos para publicar as descobertas da América é interrompido pelo amor, quando Aimé conhece a Imperatriz Josefina. Ele decide ficar em Paris como botânico no palácio da

esposa de Napoleão e abandona o companheiro Humboldt, que sofre um duro golpe. Após alguns anos, ela morre, e Bonpland volta para a América onde ficará para sempre. Apesar de divergências conceituais quanto à Natureza, o vínculo entre os amigos nunca se desfez, basicamente, pelo esforço de Humboldt, que seguiu incluindo o nome de Bonpland em suas publicações e, por meio de cartas, pedindo que retomasse os projetos em comum até o final da vida. A existência do botânico é marcada por zonas crepusculares, indefinições que aumentam após a viagem com o geógrafo. Uma experiência que marcou as vidas de ambos e que divisamos por trás de um ambíguo véu de sugestões que pairam sobre o texto.

Na ficção, Humboldt e Bonpland repetem experiências do plano real, como personagens híbridas cujas vidas entrelaçadas divisamos entre sombras. Porém, ao contrário do plano histórico, o protagonismo romanesco é destinado a Bonpland. Uma vida pontuada por excêntricos ingredientes reais, que migram para a ficção de Assis Brasil. Entretanto, curiosamente, não são os fatos mais pitorescos, conhecidos e previsíveis de sua biografia que alicerçam a personagem, sendo essa uma segunda surpresa na fronteira intrincada e sutil entre biografia e romance que o texto oferece.

O desassossego causado pela leitura não deriva, portanto, do caráter inusitado de vida real do protagonista, o que por si só não garantiria as virtudes afiançadas pelo romance. Mesmo que o leitor conheça a história real de Aimé Bonpland, ao fechar o livro, saberá que algo de novo e inquietante aconteceu, pois nada é suficiente para explicar a existência de Dom Amado. O efeito debitado à construção romanesca da personagem está magistralmente urdido na linguagem, na arquitetura temporal e espacial da narrativa.

Figura na sombra é um objeto de linguagem cujas palavras se oferecem à interpretação com a sombra ou com a luz que cada uma deposita sobre as outras, mas, sobretudo, na configuração planejada pelo autor. O produto é uma caprichosa fusão do tecido ficcional com os fios das biografias envolvidas, redundando em qualidade estética do texto.

Assim, mapeamos a arquitetura desse espantoso romance narrado por dois narradores, que se estrutura em 70 capítulos distribuídos após o Prólogo e mais três inesperados capítulos após o Epílogo. Entre os 70 capítulos, existem quatro Entreatos e, ainda, outra narrativa, de certa forma independente, intitulada *Prisão De Vidro*. A sequência dos 70 capítulos apresenta cronologicamente a vida de Aimé desde a infância

até a chegada do médico e naturalista Avé-Lallemant ao rancho de Dom Amado, a Estância Santa Ana.

A exemplo de *Prisão De Vidro*, o Prólogo, os quatro Entreatos e o Epílogo constituem outra narrativa igualmente autônoma, ambientada no ano de 1858 na Estância Santa Ana. Trata-se de uma conversa de oito horas entre Avé-Lallemant – outro personagem híbrido – e Dom Amado.

A sublinhar o fato de o próprio protagonista assumir boa parte da narrativa em primeira pessoa, por meio de citações literais numa espécie de autobiografia cuja fonte é um diário real. Tal circunstância favoreceria um tom sentimental adequado ao estado de emoção de um homem de 85 anos às vésperas da morte, mas não é o que acontece. O que se articula é uma narrativa cerebral que aproveita as sinuosidades da memória, fragilidades do entendimento e armadilhas de psique. Tudo articulado em uma técnica cujos méritos devem-se a opções narrativas não hierarquizadas – linguagem, estrutura temporal e narrativa, narradores, personagem. Além desses elementos, destaca-se o insolente e arriscado entrelaçamento com fatos biográficos. Ousadia que faz de *Figura na sombra* uma leitura provocativa e encantatória, pelo equilíbrio entre o olhar lúcido da pesquisa sólida e sua dosagem bem proporcionada a serviço da intencionalidade estética. É notável como tais estratégias se justificam no momento certo, revelando que o autor mantém absoluto controle de sua arte.

Assumindo a base de uma vida real, *Figura na sombra* emoldura-se na fronteira entre o real histórico e o real imaginado, mostrando que criar nesse entrelugar é tarefa mais árdua do que partir do nada. Afinal, antes de ser limite físico ou natural, uma fronteira é simbólica, um marco de referência mental que orienta nossa percepção da realidade. Por isso e pela incomum existência de Aimé Bonpland, a missão de *Figura na sombra* reveste-se de complexidade, com delicadezas textuais tão finas que exigem o retorno do leitor ao texto com algum distanciamento.

É devido a essas magias cerebrais que *Figura na sombra* ultrapassa os obstáculos da proposta romanesca, alcançando pontos ainda intocados da vida inusitada de Aimé Bonpland. Lentamente, descobrimos que, entre tais artifícios, destaca-se o jogo da consciência narrativa do protagonista-narrador, que se autodeclara, ironicamente, “uma impossibilidade” ao final romance.

Imprecisões, silêncios, zonas fronteiriças ou de sombra na História sempre seduziram a ficção de Assis Brasil. É assim que, além da história de Aimé e Humboldt, de suas afinidades e divergências, das polêmicas intelectuais candentes daquele

momento histórico, também o amor nas suas formas mais variadas e surpreendentes garantem o recheio desse romance no qual estão bem dosados o enigma, a beleza e a tensão típica das grandes obras literárias.

Por conta dessa conformação, o romance encanta, comove e inquieta. Ao reascender antigas polêmicas conceituais, a obra sinaliza para o intangível, oferecendo-nos um meio de transcender nossas limitações na compreensão do passado e também da alma humana. Sobretudo, obriga-nos a perceber que fronteiras são produtos da capacidade mágica de representar e organizar o mundo num sistema paralelo de sinais que guiam a percepção e a qualificação de nós mesmos, do corpo social a que pertencemos, do espaço e do próprio tempo.

Data de submissão: 24/07/2015

Data de aprovação: 22/09/2015